

ANÁLISE DAS FIGURAS FEMININAS EM “O CONTO DA AIA”, DE MARGARET ATWOOD, À LUZ DE “O SEGUNDO SEXO”, DE SIMONE DE BEAUVOIR

VITÓRIA EDUARDA DA ROSA JARDIM¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – vitoriaeduarda1025@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste numa intersecção entre a literatura distópica clássica e a filosofia, através da análise das personagens femininas de *O Conto da Aia* de ATWOOD (2017) sob a perspectiva de BEAUVOIR (1967) e *HOMEM* (2024). Primeiramente, serão apresentados alguns aspectos teórico-filosóficos, tais como a igualdade nas atitudes de indivíduos masculinos e femininos durante a infância e a maneira pela qual a sociedade conduz os primeiros à virilidade e os segundos ao coquetismo, definindo seus destinos com base no sexo de nascença.

Após essa contextualização inicial, será feita uma análise de *O Conto da Aia* com o objetivo de observar as formas pelas quais as mulheres foram subjugadas e, no caso das Aias, reduzidas à condição de objetos na república de Gilead, um governo totalitarista caracterizado pela reprodução acurada da BÍBLIA (2008). Apesar de recorrer à filosofia para explicar o conflito entre a autonomia e o conceito de *o outro*, bem como questões relacionadas à maternidade, esta análise de *O Conto da Aia* possui viés essencialmente literário.

2. METODOLOGIA

O livro selecionado foi *O Conto da Aia*, uma vez que essa distopia apresenta elementos relevantes às discussões acerca do feminino. Após a delimitação do corpus, realizou-se uma leitura crítica, na qual se encontrou palco para exploração das seguintes temáticas: papéis de gênero e estruturas de poder. Posteriormente, a fim de buscar autores que convergissem com as questões identificadas na obra, realizou-se uma extensa pesquisa bibliográfica, na qual *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, se mostrou relevante para a análise, assim como a fala da psicanalista Maria Homem em seu vídeo *O que é ser mulher?* na plataforma Youtube. Ademais, foi possível encontrar diálogo entre *O Conto da Aia* e a literatura de informação de JEAN DE LÉRY (1961). Definidos o corpus e o referencial teórico, iniciou-se uma leitura focada na identificação de estruturas e trechos que retratavam, de maneira explícita ou nas entrelinhas, como se davam as relações de gênero e poder na República totalitarista de Gilead.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, “não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos” (Beauvoir, 1967). Sendo assim, crianças de ambos os sexos possuem as mesmas vontades, compartilham das mesmas experiências e interagem com o mundo igualmente. Enquanto consideradas em si mesmas, sem intervenção de terceiros, as crianças não são sexualmente diferenciadas. Entretanto, em grande parte dos casos, essa especificação dos indivíduos em função do sexo lhes é

apresenta ainda na primeira infância quando, após o desmame, os indivíduos humanos apelam para táticas de sedução a fim de conquistar o amor dos pais. Essas atitudes são rechaçadas pela sociedade quando partem de um indivíduo do sexo masculino, mas o mesmo não acontece com as meninas, fazendo com que essas fiquem submersas na percepção de que são um objeto. Assim, formam-se indivíduos diferenciados em função do sexo, sendo um viril, e o outro coquete, delicado, submisso, e portanto idealmente feminino.

Em seu livro “O segundo sexo”, a filósofa afirma que não existe uma essência mulher, ou seja, não há nenhum tipo de destino natural capaz de determinar o papel desses indivíduos na sociedade, ou seja, o que é conhecido como *feminino* é uma construção social. Apesar de Beauvoir afirmar que *ser mulher é tornar-se* mulher através de influência da sociedade, é importante ressaltar a fala da psicanalista contemporânea brasileira Maria Homem em seu vídeo “O que é ser mulher”, na qual afirma que sendo o ser humano extremamente diverso, há poucas coisas capazes de definir a priori o que é um *ser* (Homem, 2024). Entretanto, ela concorda com Beauvoir quando afirma que as capacidades de gestar e amamentar são comuns às fêmeas tanto racionais, quanto irracionais.

Beauvoir afirma que a sociedade estabelece o destino dos indivíduos com base no sexo, definindo-os ou como o *macho*, ou o *outro*. Ao primeiro cabe a livre experimentação de suas vontades, enquanto o *outro* (feminino) é um ser castrado, cuja existência está em conflito com sua autonomia, pois desde muito jovens as mulheres são incentivadas à submissão. Além disso, muito precocemente lhes é imposta a “vocação da maternidade”, pois as pessoas, filmes, livros, e experiências as persuadem para que elas se conformem e se encantem com essa realidade relacionada ao cuidado.

O romance distópico de Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, é uma representação do que Simone explica em *O segundo sexo*. A história se passa nos Estados Unidos, quando religiosos fundamentalistas tomam o governo do país através de um golpe de Estado, e estabelecem um regime totalitário baseado no tradicionalismo: A república Gilead. Nesse novo modelo de governo, a democracia é substituída por uma ditadura, na qual a Bíblia é interpretada de maneira literal, e as mulheres perdem todos os seus direitos. Elas são proibidas de trabalhar e suas posses, bem como seus corpos, passam a ser propriedades dos homens.

Em função de uma crise de natalidade que assombra esta nova realidade, as mulheres foram divididas em castas, sendo estas: Esposas, Aias, Marthas, Tias, Não mulheres e Econoesposas. Apesar de todas sofrerem repressões em diferentes níveis, o presente estudo foca na casta das Aias, constituída pelas mulheres que possuíam relações ilegítimas segundo a religião (lésbicas, divorciadas, casadas com homens divorciados...). Por serem as únicas férteis, essas eram as responsáveis pela perpetuação da espécie e pela transferência da maternidade para as Esposas, tal como no livro bíblico de Gênesis, no qual a serva Bilha foi entregue a Jacob a fim de que Raquel tivesse filhos em seus braços, e pudesse então, através da gestação da outra, tornar-se mãe (Bíblia, 2008).

O Conto da Aia, apesar de configurar uma realidade desastrosa, exemplifica claramente muitos dos aspectos sobre os quais Simone de Beauvoir dissertou em *O Segundo Sexo*, sobretudo no trecho seguinte:

“...Na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos

exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito”. (Beauvoir, 1967)

A primeira estratégia da república de Gilead para a opressão das mulheres foi o impedimento de que elas pudessem trabalhar, em conjunto com o confisco dos seus bens e concessão dos direitos sobre os mesmos ao marido, e no caso daquelas que não eram casadas, ao parente (homem) mais próximo. Assim, a liberdade da fêmea humana foi restringida, e sua autonomia negada. A mulher se tornou uma boneca viva, a qual o homem teria o direito de submeter à sua vontade. Como forma de repressão, o governo totalitarista patriarcal também proibiu às mulheres a leitura e o acesso a qualquer outra forma de cultura e conhecimento, a fim de que elas se tornassem menos rebeldes e aceitassem mais facilmente o que lhes era imposto.

Além de todos os direitos que lhes foram retirados, as mulheres foram reduzidas a objetos. Elas deixaram de ter a autonomia de um sujeito, e passaram a existir em função do macho humano e da reprodução da espécie. Nessa nova realidade, a concepção de que a mulher é o *outro castrado* e *submisso* é representada com clareza, sobretudo na figura das Aias, pois elas perdem o direito não apenas sobre os seus bens, mas também sobre seus corpos, que foram reduzidos a receptáculos destinados à reprodução, conforme diz a protagonista Offred: “Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes. O exterior pode se tornar duro e enrugado, pouco lhes importa, como a casca de uma noz.”.

As relações sexuais que as Aias mantém com seus comandantes têm como objetivo apenas a reprodução, elas funcionam como um ritual religioso, mas uma vez que não é algo que as mulheres desejam realizar, pode-se dizer que essa relação configura um estupro “consentido”. Diz-se “consentido”, porque as mulheres concordam formalmente com a realização do ato por falta da existência de opções melhores, uma vez que àquelas que se recusassem a realizar o trabalho da procriação restaria a morte. Dessa forma, os corpos das Aias se tornam uma condição de existência, deixando de ser qualquer uma das inúmeras possibilidades que existiam antes da instauração de Gilead, conforme reflete a protagonista:

“Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização da minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim.”. (Atwood, 2017).

Outro aspecto indispensável de reflexão é a questão do vestuário. Na república de Gilead, a vestimenta conhecida como “ocidentalizada” foi abolida e as mulheres, sobretudo as Aias, passaram a ser obrigadas a usar roupas que cobriam boa parte do corpo. Há um trecho no livro em que Offred e Ofglen se deparam com turistas e a forma como estas se vestem causa nas duas Aias um misto de sensações. Seus pensamentos se dividem entre nostalgia e repulsa, porque ao passo que elas foram doutrinadas a acreditar que utilizar roupas ocidentalizadas equivale a estar despida, as jovens sentem nostalgia e fascínio, pois elas costumavam se vestir assim.

Neste mesmo capítulo, a protagonista comenta ter sido doutrinada a acreditar que modéstia equivale à invisibilidade e à impenetrabilidade, e que as Aias deveriam ser impenetráveis, argumento este que servia para justificar os trajes que lhes eram impostos. Entretanto, Offred afirma que o fato delas serem discretas e proibidas é o que excitava os homens, dialogando assim com Jean de Léry em seu livro *Viagem à*

terra do Brasil, no qual retrata que as roupas das europeias “são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias” (Léry, 1961, p.101).

Por fim, é importante analisar a questão da maternidade em *O Conto da Aia* à luz do pensamento de Beauvoir, a qual afirma que apesar de ser o destino fisiológico da fêmea humana, a reprodução não deve ser comandada pela biologia, mas pela vontade. Entretanto, no livro de Atwood, a vontade das mulheres é submetida a uma doutrina religiosa. Em Gilead, as Aias são as únicas mulheres férteis e essa distinção as condiciona ao encargo de perpetuadoras da espécie humana. Elas são tratadas como objetos, sendo úteis apenas enquanto há a perspectiva de que elas podem gerar uma vida, e no caso de não conseguirem conceber pelo menos um bebê no período de nove anos, são enviadas para a morte.

Aquelas que conseguissem engravidar eram proibidas de estabelecer qualquer tipo de vínculo afetivo com os bebês. Assim que os indivíduos eram expelidos de seus ventres, elas eram obrigadas a concedê-los às Esposas, ou seja, ainda que desejassem o exercício da maternidade, deveriam transferi-lo. Dessa forma, pode-se observar que Gilead percebe as Aias tal como a autora de *O Segundo Sexo* afirma acontecer em algumas sociedades de populações camponesas, indígenas e árabes, nas quais “a mulher é apenas uma criada, apreciada segundo o trabalho que fornece e substituída sem lamentações caso desapareça” (Beauvoir, 1967).

4. CONCLUSÕES

Apesar de *O Conto da Aia* se configurar num cenário desastroso com grandes diferenças políticas em relação ao período de publicação de *O Segundo Sexo*, por Simone de Beauvoir, é possível estabelecer diversas intersecções entre as duas obras. Isso porque ambas consistem na representação da figura feminina em cenários patriarcais, os quais são os responsáveis pela determinação dos destinos das mulheres.

Na obra de Atwood, a repressão da fêmea humana apresentada por Beauvoir é levada ao extremo. Além de as mulheres assumirem o papel do *outro*, são subordinadas às vontades dos homens por meio de diversas estratégias de repressão, tais como o confisco dos bens e a proibição do acesso a instrumentos de conhecimento. Em Gilead, as mulheres foram transformadas em bonecas vivas cuja função agradar o macho humano e, além disso, os corpos das Aias foram reduzidos a objetos de reprodução, uma vez que elas eram obrigadas a permitir que através de seus ventres as Esposas se tornassem mães.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATWOOD, M. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis 30:1-3. In: Bíblia. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- HOMEM, M.L. Maria Homem. **O que é ser mulher?** Youtube. 04 de março de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sd3-XPXCOgw>.
- LÉRY, J. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1961. p.101.